

O Jesus histórico na perspectiva da “Terceira Busca”

Jonas Euflausino da Silva¹⁷⁰

Resumo: O presente artigo estabelece um panorama sobre a terceira busca pelo Jesus histórico. Destacamos que a partir da década de 1980, há uma retomada das pesquisas a respeito do Jesus histórico, denominada de *Third Quest* ou “Terceira Busca”. Um dos paradigmas norteadores da aludida abordagem é a caracterização do ambiente judaico: literatura, tradições, grupos, conceitos, pensadores. Lançando mão de uma metodologia multidisciplinar, integrando e articulando o estudo dos textos religiosos: com a antropologia, com a sociologia, arqueologia e a história. Objetivando assim, interpretar os fatos e ditos de Jesus por meio de um processo dialógico com seu contexto. Para a “Terceira Busca”, o Messias, enquanto personagem histórico, é um típico judeu do século I.

Palavras-Chave: Jesus histórico. Judaísmo. Terceira Busca.

Abstract: This article provides an overview of the third search for the historical Jesus. We emphasize that from the 1980s there has been a resumption of research on the historical Jesus, called the Third Quest or “Third Quest”. One of the guiding paradigms of the aforementioned approach is the characterization of the Jewish environment: literature, traditions, groups, concepts, thinkers. Making use of a multidisciplinary methodology, integrating and articulating the study of religious texts: with anthropology, sociology, archeology and history. Aiming thus, interpret the facts and sayings of Jesus through a dialogic process with its context. For the “Third Quest”, the Messiah, as a historical character, is a typical 1st century Jew.

Keywords: Historical Jesus. Judaism. Third Search.

¹⁷⁰ Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Aluno do programa de Doutorado em Ciências da Religião na Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Pastor Batista, professor do Seminário Batista Nacional em Pernambuco. E-mail: screligionjonas@gmail.com.

Introdução

A pesquisa a respeito do Jesus histórico foi inaugurada no século XVIII por Hermann Samuel Reimarus lastreada no racionalismo vigente, apropriou-se da concepção de que os evangelhos deveriam perder o *status* de documentos históricos. A consequência fatídica dessa percepção é que as obras dos evangelistas não mais se constituíam fonte histórica objetiva, segura e confiável.

Acrescentamos que a pesquisa inaugurada por H. S. Reimarus, um dos expoentes do deísmo¹⁷¹, e, portanto, advogava uma perspectiva racionalista para a religião. É exatamente com o referido pensador que se inicia uma abordagem puramente histórica a respeito de Jesus, denominada: “a procura do Jesus histórico”, que vem sendo discutida nos últimos 200 (duzentos) anos.

No afã de compreender o Jesus histórico, surgiram múltiplas abordagens ao longo da história, redundando em diversos trabalhos, passando inclusive por um período de escassez de produção acadêmica. Durante o transcurso da pesquisa em questão, renomados estudiosos olharam para a vida do Messias sob diversas óticas metodológicas. Contudo, seguindo Giuseppe Barbaglio (2011, p. 17-35), podemos delimitar os movimentos de pesquisas a respeito do Jesus histórico em quatro fases distintas: “old quest” (Velha Busca), “no quest” (Não Busca), “new quest” (Nova Busca) e “third quest (Terceira Busca).

No tocante ao horizonte temporal, a partir da década de 1980, há uma retomada das pesquisas a respeito do Jesus histórico, denominada de *Third Quest* ou “Terceira Busca”. Um dos paradigmas norteadores da “Terceira Busca” é a caracterização do ambiente judaico: literatura, tradições, grupos, conceitos, pensadores etc. Lançando mão de uma abordagem multidisciplinar por meio da antropologia, sociologia, arqueologia e história, visando interpretar os fatos e ditos de Jesus por meio do processo dialógico com seu contexto.

Abordaremos no presente artigo, a “Terceira Busca”, uma retrospectiva histórica da aludida metodologia, apontando as suas características próprias, bem como, os seus principais paradigmas.

¹⁷¹ O deísmo é uma posição [filosófica naturalista](#) que rompe com a posição teológica judaico-cristã, que aceita a existência e a natureza de [Deus](#) através da [razão](#), do [livre pensamento](#) e da experiência pessoal. Deus, na visão deísta, não é necessariamente criador e sustentador da criação. Em suma: um deísta é alguém inclinado a afirmar a existência de Deus, mas não prática nenhuma religião, não negando a realidade de um mundo completamente regido pelas leis naturais e físicas.

1. Retrospectiva histórica

A “Terceira Busca” surge na década 1980 como um movimento que reavivou o estudo acadêmico da figura do Jesus histórico. Um dos marcos iniciais da pesquisa foi o trabalho de Ed Parish Sanders, em 1985, intitulado: Jesus e o judaísmo. O trabalho produziu uma ruptura com a visão antijudaica da “Nova Busca”. A metodologia insere Jesus na história como um judeu típico do século I.

O termo *Third Quest* que estamos denominando de “Terceira Busca” neste trabalho, foi cunhado por Nicholas Thomas Wright e foi empregado, inicialmente, em virtude do caráter inovador da abordagem metodológica, como podemos depreender da sua obra *The Interpretation of the New Testament* (A interpretação do Novo Testamento) produzida em coautoria com Stephen [Neill](#):

Em 1962 S. Neil dizia justamente que a reconstrução histórica da vida e da história de Jesus até aqui foi apenas iniciada [...]. Ora esse juízo não vale mais [...] porque começava um movimento totalmente diferente, em lugares diferentes, e sem nenhuma premissa ou programa unificado. Fortalecidos pelos materiais judaicos então disponíveis, esses estudiosos trabalharam como historiadores, convictos que é possível conhecer muito a respeito de Jesus de Nazaré, e que vale a pena fazê-lo: duas coisas negadas pela escola bultmanniana ortodoxa. Esse movimento científico tornou-se tão relevante que não seria extravagância batizá-lo de *Third Quest/terceira pesquisa* (*apud* SEGALLA, 2013, p. 116).

Ante o exposto, podemos depreender a partir da designação da metodologia por Wright, alguns pontos importantes destacados pelo autor, que, de certa forma, norteiam a abordagem metodológica em questão: faz uso de fontes judaicas, estabelece critérios historiográficos, é revestida de cientificidade e representa uma ruptura com a abordagem bultmanniana.

Ressaltamos que a abordagem aqueceu a pesquisa do Jesus histórico, por meio das publicações de diversos trabalhos de autores judeus e não judeus, e chamou a atenção após as descobertas dos manuscritos do Mar Morto, em 1947, descobertas essas que acrescentaram novas informações sobre o contexto judaico do século I; que serviu de material para novas análises a respeito de Jesus e sua relação com a religiosidade judaica.

Uma das tentativas contemporâneas de se compreender a figura histórica de Jesus é o movimento conhecido como Seminário sobre Jesus (*Jesus Seminar*), implementado nos idos de 1985. Foi fundado por Robert Funk e Jonh Dominic Crossan e consiste em um grupo de estudiosos do Novo Testamento, financiado

pelo *Webstar Institute* da Califórnia (SEGALLA, 2013, p. 102). A metodologia empregada objetiva pesquisar quais foram os ditos autênticos de Jesus.

James D. G. Dunn aponta que um dos objetivos do grupo é “libertar” Jesus das amarras formatadoras do cristianismo ortodoxo, como podemos depreender de suas próprias palavras: “[...] é libertar Jesus das prisões[...]da Escritura em que o confinamos[...] O Jesus pálido e anêmico dos ícones padece quando comparado com a dura realidade do Jesus autêntico” (*apud* DUNN, 2013, p. 26). A metodologia parte novamente da velha tensão entre os dogmas a respeito de Jesus forjados pela igreja e a história autêntica do Messias.

A metodologia elege como fonte os quatro evangelhos e mais o Evangelho de Tomé¹⁷², atribuindo-se um peso valorativo a cada um deles. O grupo, inicialmente com 30 membros se reunia duas vezes por ano: submetiam-se a ele, os ditos e fatos de Jesus a serem discutidos. Por fim, o grupo votava secreta e democraticamente sobre a autenticidade dos referidos fatos e ditos por meio de um sistema de codificação com bolinhas coloridas, da seguinte forma: vermelho, o dito é de Jesus; cor-de-rosa, parece ser de Jesus; cinza, talvez, e preto, não são de Jesus, logo representavam uma tradição posterior. Ainda havia um sistema de votação por meio de atribuições de pontuações diferenciadas: vermelho 05 pontos, cor-de-rosa 02 pontos, cinza 01 (um) ponto e preto 0 (zero) (SEGALLA, 2013, p.103).

Acrescentamos, ainda, que, segundo Gabriele Cornelli (2006, p. 21), os procedimentos formais que norteiam a abordagem empreendida pelo Seminário de Jesus, em linhas gerais seriam:

- 1) separação e desconexão do texto do evangelho do contexto histórico, para evitar influências mútuas;
- 2) estudo do contexto precedente ao texto;
- 3) estudo do contexto sem o texto, pois os evangelhos não são documentos históricos;
- 4) estudo do contexto com o método tripartido: antropologia, história e arqueologia;

¹⁷² Muito embora o Evangelho de João estivesse impresso junto com os demais no material de estudo do grupo, era praticamente excluído da análise. O Evangelho de Tomé tinha o mesmo peso dos demais (Mateus, Marcos e Lucas) embora datado na segunda metade do século II.

- 5) indagar quais seriam os textos da tradição sinótica que fazem referência ao Jesus histórico.

A reconstrução da figura histórica de Jesus fornecida pelo Seminário de Jesus é de um mestre de espírito livre, um contestador errante subversivo, uma espécie de precursor do movimento *hippie*. O impacto das conclusões do aludido grupo de estudo se deve especialmente pela ruptura com a figura tradicional do Messias, permitindo inclusive um apelo muito mais comercial às literaturas produzidas pelo *Jesus Seminar*, a exemplo do *best-seller* “Jesus: uma biografia revolucionária”, da lavra de J. D. Crossan (1995).

Há uma tendência de alguns autores como Barbaglio (2011, p. 34), Theissen e Merz (2002, p. 29) de situarem o seminário sobre Jesus dentro da metodologia da “Terceira Busca”, contudo, tal posição não é consenso¹⁷³. Por outro lado, ressaltamos que, muito embora as duas buscas pelo Jesus histórico tenham surgido na década de 1980, as abordagens metodológicas são bastante diferenciadas, já que o Seminário sobre Jesus lança mão dos paradigmas positivistas que nortearam as pesquisas anteriores, conforme assevera Pierpaolo Bertalotto

[...] a meu ver, o *Jesus Seminar* que suscitou um forte clamor na América, se insere exatamente no paradigma iluminista da primeira pesquisa. Constatase assim que os paradigmas passados podem ressurgir de forma nova, então a periodização aqui proposta não exclui que no âmbito atual prevalente, o da terceira pesquisa, não possam existir pesquisas sobre o Jesus que sigam o primeiro ou segundo paradigma. Portanto, a representação da pesquisa do Jesus histórico em paradigmas que permitem periodizar, sem excluir um retorno a paradigmas anteriores ou a um entrelaçamento deles no método (*apud* SEGALLA, 2013, p. 101).

Compreendemos, entretanto, que a proximidade do *Jesus Seminar* com o paradigma judaico, implementado pela “Terceira Busca”, vai-se restringir exclusivamente ao marco temporal, década de 80, fora isso, percebemos que a primeira ainda lança mão da lógica positivista abraçada pelas buscas anteriores, que é de estabelecer as suas conclusões a partir da desconfiança dos evangelhos como fontes de pesquisa e da velha tensão entre o Jesus histórico e o Cristo da fé. Portanto, corroboramos com os autores que asseveram a distinção entre as abordagens em questão.

¹⁷³ Giuseppe Segalla (2013), por exemplo, não considera o movimento do Seminário sobre Jesus como parte da terceira busca, em virtude de que a metodologia empregada se aproxima muito da “nova busca”.

Gostaríamos de ressaltar que a “Terceira Busca” não é uma mera abordagem teológica, ela, como já asseveramos, vale-se do subsídio de diversas disciplinas, analisando as fontes canônicas sobre o escrutínio metodológico de cada uma delas. Na análise, a teologia cristã das primeiras comunidades e o judaísmo do século I são elementos que vão contribuir na compreensão da pessoa e discursos de Jesus. Portanto, a figura histórica do messias, na ótica da “Terceira Busca”, deve ser estudado com os mesmos critérios empregados para qualquer outro personagem da história.

A respeito da “Terceira Busca”, Marcelo da Silva Carneiro assevera que ela perpassa os textos canônicos e estabelece um diálogo com a história e a arqueologia, senão vejamos:

Mas, qual é a importância de uma busca por evidências históricas de Jesus a partir das fontes consideradas canônicas? Muitos argumentam – baseados na posição de Bultmann – que não há nenhuma. Mas, uma escola bastante respeitada, representada pela *third quest*, equivalente a uma terceira fase na busca do Jesus Histórico iniciada em meados da década de 1980, propugna um novo interesse, a partir da possibilidade de reconstruir historicamente os passos de Jesus. Para tanto, esse olhar não se fixa somente no texto bíblico acabado. Busca uma perspectiva mais ampla, dialogando principalmente com a história e a arqueologia, da forma mais neutra possível. A aplicação da criteriolgia de historicidade, desenvolvida pelos estudiosos da *third quest* a textos canônicos, pode lançar luzes ao nível histórico por trás do texto, como já fazia J. Jeremias na década de 1950 (2008, p.34).

A “Terceira Busca” se reveste de novas posturas metodológicas conforme aponta John P. Meier

1) A *Third Quest* [Terceira Busca] tem um caráter internacional e ecumênico; 2) esclarece a questão das fontes mais importantes; 3) apresenta um retrato mais acurado do judaísmo do primeiro século; 4) emprega novos métodos da arqueologia, filologia e sociologia; 5) elucida o uso do critério da historicidade; 6) dá a devida importância à tradição do milagre; 7) considera o Judaísmo de Jesus com o devido peso e seriedade (*apud* FALBEL, p. 28).

Ressaltamos, portanto, que a Terceira Busca é uma abordagem multifacetada, apresentando diversos paradigmas metodológicos, sendo então, bastante apropriada para o presente estágio do estudo das ciências das religiões, já que ela dialoga com as diversas disciplinas do saber humano, entendendo o fenômeno religioso Jesus, não apenas circunscrito ao cristianismo, mas como um personagem que dialogou com as expressões culturais inseridas em seu contexto.

O paradigma metodológico da Terceira Busca do Jesus histórico é pontuado basicamente por três elementos, como aponta Giuseppe Segalla, paradigmas esses, que compreendemos como bastante adequados para a presente pesquisa:

[...] colheremos três elementos que caracterizam o paradigma da terceira pesquisa: 1) o novo paradigma judaico de confronto; 2) uma confiança maior na historicidade dos evangelhos; 3) a importância do Jesus histórico também pelo perfil teológico, em oposição à escola bultimanniana e pós-bultimanniana (SEGALLA, 2013, p. 117).

Logo podemos perceber que, a “Terceira Busca” é caracterizada pela mudança de alguns paradigmas em relação às demais abordagens concernentes ao estudo sobre o Jesus histórico. Portanto, para uma melhor compreensão dessas mudanças e suas implicações para a pesquisa histórica sobre o Messias, passaremos a uma análise delas.

2. Paradigmas metodológicos

A “Terceira Busca” parte da premissa de que Jesus era um judeu típico do século I. Nasceu em Nazaré, viveu na Galileia, participou dos rituais judaicos, dialogou com o seu pano de fundo religioso multifacetado, foi influenciado pelos mestres do judaísmo que o antecederam, bem como, sua mensagem e pessoa tinham um sentido hermenêutico peculiar aos seus dias. Em suma, na aludida ótica metodológica, o Messias seria um judeu típico da sociedade palestinese do século I.

Contudo, tal conclusão só é possível a partir do estabelecimento de paradigmas metodológicos que corroborem com ela, o que foi implementado pelos estudiosos da aludida abordagem. Portanto, na presente seção faremos uma análise dos principais paradigmas metodológicos abraçados pela “Terceira Busca”, que são: o judaísmo de Jesus e uma revisão no conceito de historiografia advogado pela modernidade.

2.1. Judaísmo de Jesus

Ressaltamos que a aceitação do fato de Jesus ter sido um judeu no âmbito da pesquisa histórica sobre a sua pessoa, e até mesmo pela teologia, foi um processo de muitos anos de idas e vindas; teses, antíteses e sínteses metodológicas lastreadas nas pesquisas histórico-críticas. Wolfgang Stegemann (2012, p. 196) ressalta três

motivos que contribuíram preponderantemente para uma incompreensão da figura judaica de Jesus.

Em primeiro lugar, Jesus é notadamente o grande mestre do cristianismo, e, portanto, o representante normativo paradigmático da fé cristã (STEGEMANN, 2012, p. 196). Tal fato é carregado de sentido (transcendental e teológico), especialmente para uma religião que desenvolveu sua espiritualidade muito mais próxima do mundo greco-romano do que da espiritualidade judaica, e que sempre enxergou o judaísmo como o contribuinte preponderante para a crucificação do messias cristão.

Em segundo lugar, para o cristianismo, a identidade coletiva, designada como “judaísmo”, representa a religião que foi superada durante o processo histórico de formação da igreja cristã, para um melhor esclarecimento. Vejamos:

Até o presente momento a identidade coletiva designada com o termo “judaísmo” é entendida como designação de uma religião, que é contraposta ao cristianismo *per se* e cuja imagem nas culturas ocidentais, isto é, cunhadas pelo cristianismo, se encontra ligada – não só no entendimento geral, mas também nos discursos científicos – parcialmente e preconceitos grosseiros e a avaliações incorretas de eruditos. Na exegese científica desde a metade do século XIX, a interpretação negativa do judaísmo (justamente também do judaísmo de Jesus!) é edêmica, podendo se dizer também sistêmica. [...] mesmo ali onde a pertença de Jesus ao judaísmo foi percebida e, em princípio, aceita, também foi, instrumentalizada. Desta maneira ela serviu (já em H. S. Reimarus) como ataque à teologia e cristologia cristãs indesejadas. Ou a identidade judaica de Jesus foi contraposta, especialmente como última ameaça àqueles que pretendiam fundamentar a fé cristã nos ensinamentos do Jesus históricos (assim no debate entre E. Käsemann e R. Bultmann) (STEGEMANN, 2012, p. 196).

Acrescentamos, ainda, que a igreja cristã primitiva, no seu estágio helênico, contribuiu para a construção do Jesus destituído de sua judaicidade, especialmente em virtude da apropriação do Cristo a partir dos escritos apostólicos, estabelecendo, assim, um antagonismo entre os ensinamentos e discursos do grande mestre do cristianismo e as crenças do judaísmo do primeiro século. Nesse sentido, Reimarus ressalta:

Não posso deixar de descobrir um erro comum dos cristãos, que devido à mistura do ensino dos apóstolos com o ensino de Jesus, acreditam que a intenção de Jesus, residiu em sua função como mestre de revelar certos artigos de fé e mistério, parcialmente novos e desconhecidos, e de, portanto, construir um novo sistema doutrinário da religião, abolindo a religião judaica segundo seus hábitos especiais, sacrifícios, circuncisão, purificação, sábados,

e outras cerimônias levíticas. Bem sei que os apóstolos e, especialmente, Paulo trabalharam nesta área e que a doutrina subsequente forjou sempre mais mistérios e artigos de fé, distanciando-se parcialmente sempre mais das cerimônias judaicas, até que por fim, as leis de Moisés foram completamente extintas e introduzida uma outra religião (*apud* STEGMANN, 2012, p. 200).

Ressaltamos, ainda, que a teologia da substituição impregnou a hermenêutica bíblica cristã, implementando a compreensão uníssona de que os adeptos do cristianismo substituíram os judeus como povo de Deus escolhido; essa ideia permeou tanto a mentalidade católica lastreada nos Pais da Igreja¹⁷⁴, bem como a do próprio reformador protestante Martinho Lutero, que escreveu, em 1543, uma obra atacando a religiosidade judaica, intitulada: “Dos Judeus e suas mentiras”¹⁷⁵.

A interpretação cristã sempre partiu do pressuposto de que os Judeus foram aqueles que crucificaram Jesus, que o renegaram; sendo, portanto, os seus inimigos primários. Além disso, ressalta Susannah Heschel (1998, p. 75), o judaísmo, em especial o partido dos fariseus, representava, na ótica do cristianismo: hipocrisia, falsa religiosidade, desonestidade e legalismo, tendo sido condenados nos discursos do rabi da Galileia. Portanto, a partir dessa visão sobre a religião de Jesus, a hermenêutica cristã sempre procurou distanciá-lo do seu contexto judaico.

A compreensão de um Jesus desconectado de sua judaicidade e, por que não dizer, como um mestre em franco conflito com a religiosidade do seu entorno, foi produzida em grande parte pelo exercício hermenêutico da igreja cristã ao realizar as leituras dos evangelhos. Não obstante, Flusser vai mais longe, e aponta que a percepção de um Jesus antijudaico, foi construída a partir de um único Evangelho, que é, na sua ótica o de Mateus, senão vejamos:

Se uma pessoa sabe hebraico e grego, e é capaz de aplicar o método de crítica literária à análise dos Evangelhos Sinópticos, descobre que provavelmente todos os trechos que expressam uma tensão antijudaica passaram a existir apenas no estádio grego desses evangelhos e observa que, na maioria dos casos, essas alterações nas narrativas e nos ditos originais hebraicos, aparece apenas em um dos três evangelhos ou são obra de um

¹⁷⁴ O título, “Pai da Igreja”, é aplicado historicamente a alguns líderes cristãos, em função da reverência que muitos nutriam pelos bispos dos primeiros séculos. A estes chamavam reverentemente de “Pais” devido ao amor e zelo que tinham pela igreja, mais tarde, porém, este termo foi sacralizado pelos escritores eclesiásticos. Comumente dividem-se os Pais da Igreja em quatro grandes grupos: Apostólicos, Apologistas, Polemistas e Pós-Nicenos

¹⁷⁵ A obra em questão é recheada de orientações discriminatórias e intolerantes contra os Judeus. A visão acadêmica prevalente desde a Segunda Guerra Mundial é que o tratado exerceu uma grande influência na atitude da Alemanha em relação aos cidadãos judeus nos séculos entre a Reforma e o Holocausto.

único evangelista(...) Outro fato que se esquece com frequência é que uma análise literária crítica não revela, na tradição sinótica, nenhum processo de rejudização. Isso é natural: houve apenas uma progressiva desjudização do cristianismo primitivo. Esses fatos são decisivos para a compreensão do evangelho segundo Mateus (FLUSSER, 2002, p. 95).

Nesta mesma esteira de compreensão, acrescentamos que há, ainda, uma corrente que assevera ser o evangelho segundo Mateus, uma tentativa de atenuar ou mesmo mitigar, por meio do antagonismo ideológico, a relação de Jesus com o judaísmo do primeiro século. Nesse sentido, afirma Dorothy Lee.

O evangelho segundo Mateus nos apresenta uma situação complexa. De um lado, encontramos elementos pró-judaicos essenciais para a identidade tanto do Evangelho como da comunidade. De outro lado, o evangelho segundo Mateus contém elementos antijudaicos, particularmente a invectiva extraordinária do capítulo 23. Ambos os aspetos, como vimos, surgem do contexto de Mateus: uma pequena comunidade sectária, recentemente separada da sinagoga, vivendo no medo de perseguição, lutando para forjar identidade dum passado rompido, tentando manter a sua judaicidade, enquanto afirmando o seu cometimento cristão e abertura aos gentílicos (LEE, 2005, p. 1).

Como já dissemos, os estudiosos da “Terceira Busca” caminham na direção contrária dos outros movimentos da busca pelo Jesus histórico, bem como dos teólogos cristãos em geral; no sentido de que é imprescindível para a compreensão da figura histórica de Jesus, a apropriação do fato de que ele foi um Judeu situado dentro do contexto religioso vigente em seus dias, ou seja, o judaísmo do segundo Templo em pleno século I.

Para reforçar tal premissa, ressaltamos o que afirma E. P. Sanders, quando diz que Jesus era um judeu típico do seu tempo, com uma forte esperança escatológica. Senão vejamos:.

Jesus era um profeta escatológico, de acordo com E. P. Sanders – um dos pioneiros e, talvez ainda um estudioso mais significativo da terceira investigação. Sanders recolocou Jesus em seu legítimo lugar como um judeu do século I convencido de que o fim estava próximo (*apud* BLOMBERG, 2009, p. 239).

Andando na mesma esteira de compreensão sobre a judaicidade de Jesus, Barbaglio afirma:

A pesquisa dos últimos vinte anos enfatizou, com justiça a “judaicidade” de Jesus e não falta, com razão, as que chamem atenção para o fato de ele ser um galileu de origem. Mas o campo dos questionamentos está longe de ser

exaurido por esse dado reconhecido; é somente um ponto de partida, porque o judaísmo da época não era de jeito nenhum homogêneo (BARBAGLIO, 2011, p. 96).

Ante o que acabamos de expor, podemos concluir, tranquilamente, que na ótica da “Terceira Busca”, Jesus foi um judeu típico do século I, portanto, as narrativas dos evangelhos fazem transparecer que ele frequentou a sinagoga e o Templo de Jerusalém, seguia os rituais do judaísmo, era um observador da Torá e do sábado, bem como, seus discursos incluíam debates sobre questões relevantes para a espiritualidade judaica. Logo a sua mensagem não estava desconectada do seu contexto judaico, como bem pontuou Dunn:

Vejamos novamente a judeidade de Jesus, Existe na tradição de Jesus um interesse permanente por questões tipicamente judaicas –o que implica a obediência à Torá, como observar o Sábado, o que considerar puro e impuro, frequência à sinagoga, a pureza do Templo. Seguramente Jesus não era alheio a essas questões (2013, p. 84).

Acrescentamos ainda que Stegemann vai mais longe na concepção da judaicidade de Jesus, abordando a questão de forma mais contundente, declarando que Jesus não queria ser outra coisa a não ser simplesmente Judeu e, portanto, a “Terceira Busca” trouxe uma nova luz sobre essa questão. Senão vejamos:

Que Jesus foi um Judeu e não queria ser outra coisa que não Judeu, e que essa percepção entrementes é amplamente aceita também já na pesquisa cristã sobre Jesus, precisa valer como a inovação decisiva da terceira procura por Jesus (2012, p. 144).

Embora possamos sutilmente enxergar, nos evangelhos, um Jesus vivendo como um homem típico do século I, precisamos, necessariamente, analisar o material judaico do período histórico em questão, pois tal material, quando confrontado com os relatos dos evangelistas, revelará a relação de Jesus e de sua mensagem com as escolas rabínicas vigentes.

2.2. Paradigma historiográfico

Os estudiosos aderentes à “Terceira Busca” tiveram a necessidade de revisar o conceito de História¹⁷⁶, dando-lhe um sentido diferente do que se propunha a

¹⁷⁶ Ressaltamos que esta (o paradigma historiográfico) é a diferença peculiar entre as abordagens da “Terceira Busca” pelo Jesus histórico, tendo em vista que o Seminário sobre Jesus compreende ainda a história com a mesma visão da primeira pesquisa com resquícios da nova pesquisa. Em virtude disso, autores como Giussepe Segalla não consideram o movimento do Seminário sobre Jesus como parte da terceira pesquisa. Contudo, preferimos estabelecer categorias dentro da Terceira Busca,

lastrear as buscas anteriores; tal revisão se tornou necessária, tendo em vista que a percepção e fundamentação do que é história está intrinsecamente atrelada ao conceito do Jesus histórico. N. T Wright aborda adequadamente a relação entre a compreensão da impossibilidade de se enxergar o Jesus histórico, e o conceito de História segundo o positivismo da modernidade:

[...] frequentemente é encontrado precisamente nas discussões sobre Jesus: história com *o que os historiadores modernos podem dizer* sobre o assunto. Por “moderno” quero dizer “pós-iluminista”, o período no qual as pessoas imaginavam alguma analogia, ou mesmo uma correlação entre história e as ciências da natureza. Neste sentido, “*histórico*” significa não apenas o que pode ser demonstrado e escrito, mas aquilo que pode ser demonstrado e escrito *dentro da cosmovisão pós iluminista*. É isso que a pessoas frequentemente têm em mente quando rejeitam o “Jesus histórico” (expressão que, desse modo passa a significar, “o Jesus que se enquadra no padrão arbitrário da cosmovisão reducionista”) em favor do “Cristo da fé” (2013, p. 44-45).

Segalla (2013, p. 119) aponta para as mudanças promovidas pelo método no que concerne à historiografia: correção do método histórico crítico; uma valorização das fontes evangélicas; ressignificação no judaísmo do século I e o estabelecimento de uma visão holística sobre a figura histórica de Jesus.

No que concerne à correção do método histórico crítico, Segalla (2013, p. 119) aponta que não pode haver a construção da História, enquanto disciplina acadêmica, sem a inclusão do historiador e de seus pressupostos. Logo, ao se fazer o registro histórico, bem como a sua compreensão crítica, tais processos são afetados pelos preconceitos daqueles que se arvoram em tal exercício.

Desse modo, esse novo paradigma historiográfico, ao romper com a ideia iluminista (positivista, mecanicista e cientificista) de História, passa a compreender o registro histórico como uma realidade hermenêutica, aproximando-se assim, dos conceitos acadêmicos da pós-modernidade¹⁷⁷, em especial daqueles fomentados pela virada linguística.

compreendendo que esta revisão do paradigma historiográfico é típica do movimento que busca o Jesus histórico sob a égide dos pressupostos do paradigma judaico, que também compõe a terceira pesquisa.

¹⁷⁷ Pós-modernidade refere-se à atitude intelectual e às expressões culturais que estão tornando-se cada vez mais predominantes na sociedade contemporânea. É marcada pela quebra dos paradigmas da modernidade, em especial, pelo estabelecimento de uma mentalidade extremamente relativista, e pela rejeição das verdades totalizantes. Para muitos, o marco inicializador da pós-modernidade foi a queda do muro de Berlim (1989). A pós-modernidade também é denominada de modernidade tardia ou modernidade fluida.

Assim, tendo em vista o novo paradigma de História adotado, a “Terceira Busca” faz uma distinção entre a realidade histórica, no que concerne ao “Jesus real”, de sua história reconstruída a partir das testemunhas que fomentaram a tradição oral/escrita realizada a partir do exercício hermenêutico de cada comunidade de discípulos circunscrita a seu contexto histórico-social, que, por fim, tomou forma acabada nos registros dos evangelistas. Nesse sentido, obviamente, a realidade histórica sempre transcende a história que se escreve e se escreveu a respeito dela (SEGALLA, 2013, p. 119).

Ainda nessa compreensão de historicidade, Segalla (2013, p. 119) ressalta que é importante estabelecer uma distinção entre a história original e o conhecimento dessa história. A primeira é imutável, já a segunda progride paulatinamente com as descobertas documentais, arqueológicas, ou mesmo, com as novas abordagens metodológicas, bem como pode tomar novos sentidos à medida que intérpretes circunscritos a novos contextos histórico-sociais se apropriam do relato histórico e firmam suas leituras interpretativas.

Assim, como bem assevera Segalla (2013, p. 118), a terceira pesquisa oferta um novo paradigma metodológico no que concerne ao horizonte cultural de Jesus. É um paradigma pós-moderno no sentido de que parte dos conceitos de complexidade e fragmentariedade: complexidade pelos novos dados e métodos, além da transdisciplinaridade não só com hermenêutica histórica crítica, mas também, como uma série de outras áreas do saber: arqueologia, sociologia, história, linguística, teologia etc. Já a fragmentariedade vai se estabelecer a partir dos resultados obtidos, quando comparados à respectiva complexidade metodológica.

Ressaltamos que a aproximação da “Terceira Busca” com a hermenêutica pós-moderna não significa que a relativização que a caracteriza vá nortear integralmente a pesquisa. Contudo, não deverão ser descartadas as diversas camadas de compreensão a respeito da figura de Jesus que foram estabelecidas desde os primórdios da igreja cristã e foram sendo superpostas durante o processo histórico de desenvolvimento do cristianismo primitivo. Tal premissa ilide qualquer pretensão totalizante a respeito do Jesus histórico (real).

A novidade do paradigma histórico na ótica de Segalla (2013, p. 119) consiste basicamente em três aspectos: “1) Na correção do método histórico-crítico; 2) nas consequências para as fontes evangélicas; 3) na mudança da figura religiosa do judaísmo do século I”.

Percebamos que todo esforço empreendido pela “Terceira Busca” no que concerne ao estabelecimento conceitual da disciplina História, visava garantir uma plausibilidade metodológica a respeito do estudo da vida do Messias. Obviamente, para que isso fosse possível, os pesquisadores da “Terceira Busca” tiveram que aceitar a relevância histórica dos evangelhos. Nesse sentido, vejamos o que assevera Flusser:

As únicas fontes cristãs importantes que se referem a Jesus são os quatro Evangelhos: Mateus, Marcos, Lucas e João. [...]. Os três primeiros Evangelhos baseiam-se primordialmente em material histórico comum, ao passo que o quarto, João, é corretamente considerado como se mais se preocupasse com a apresentação de uma perspectiva teológica. [...] [...] Ainda que uma documentação objetiva fosse copiosa, as fontes mais genuínas referentes a uma personalidade carismática são seus próprios pronunciamentos e os relatos dos fiéis – lidos a partir de uma abordagem crítica é lógico. [...] Os primeiros registros cristãos sobre Jesus não são indignos de crédito como se costuma acreditar atualmente (2010, p. 2-3).

Ainda sobre o emprego dos evangelhos na pesquisa do Jesus histórico, Geza Vermes aponta para o fato de que a existência dos três sinóticos, embora sejam norteados pela perspectiva religiosa e teológica, ainda assim, tornam-se um fator positivo para a compreensão histórica da pessoa de Jesus. Senão vejamos:

Concedo que nenhum dos evangelistas era historiador profissional, nem mesmo os autores dos evangelhos sinóticos. Também reconheço que cada um deles tinha a sua perspectiva própria, e contou a sua história tendo em vista um propósito específico. Mas um interesse teológico não é mais incompatível com uma preocupação histórica do que uma convicção política ou filosófica. Desde que esse interesse seja admitido, e desde que haja consciência que ele é capaz de afetar toda a obra em escrutínio, o intérprete com o mínimo de habilidade crítica, conseguirá levá-lo em consideração. Neste sentido, o fato de contar com três relatos teologicamente motivados, e não apenas um, é de certo modo feliz e útil, porque os elementos comuns a todos podem ser facilmente detectáveis, o que dá ao historiador a possibilidade de basear seu julgamento nesses dados essenciais (VERMES, 1996, p. 29).

Ainda na discussão do emprego dos evangelhos como fonte histórica, dentro do movimento da “Terceira Busca” surge uma abordagem bastante interessante, implementada e defendida por James D. G. Dunn. Ele advoga que, para uma melhor compreensão do Jesus histórico, deve-se romper com o paradigma

literário¹⁷⁸ e buscar uma melhor visualização da transmissão oral da tradição a respeito do Messias.

O referido autor parte do pressuposto de que a taxa de alfabetização na Galileia do século I era baixíssima e, portanto, os primeiros discípulos de Jesus não eram alfabetizados, logo, seria mais provável que a tradição mais primitiva a respeito de Jesus tenha sido oral (DUNN, 2013 p. 44). Reza Aslan concorda com essa perspectiva, senão vejamos:

As taxas de analfabetismo na Palestina do século I eram incrivelmente altas, sobretudo entre os pobres. Estima-se que cerca de 97% dos camponeses judeus não sabiam ler nem escrever, um número não inesperado para as sociedades predominantemente orais como a que Jesus viveu (2013, p. 59).

Na perspectiva de aproximação da tradição oral e os registros da vida de Jesus consignada nos evangelhos, Dunn (2013, p. 92) estabelece o conceito do *Remembering Jesus*, que implica dizer que a tradição a respeito do Messias era fundamentada nas lembranças fomentadas pelas primeiras comunidades de discípulos. Lembranças que, uma vez consolidadas, tornavam-se a tradição oral reconhecida por cada comunidade que integrava a igreja cristã em seus primórdios. Discutiremos, logo em seguida, alguns dos aspectos pontuados pelo referido pesquisador.

Em primeiro lugar, Jesus causou um impacto na vida das primeiras comunidades de discípulos, isso bem antes do evento pascal. Tal impacto fomentou as primeiras tradições que, de certa forma, já estavam postas e consolidadas mesmo antes da sua crucificação (DUNN, 2013, p. 92).

Em segundo lugar, a tradição oral não era fixa ou estática, mas adaptável a diferentes audiências e situações (DUNN, 2013, p. 92). Ressaltamos que tal premissa se coaduna com a multiplicidade de enfoques dos evangelistas ao relatarem a vida e discursos de Jesus, multiplicidade, que se estabeleceu em função da peculiaridade de cada comunidade. Nessa mesma perspectiva, James H. Charlesworth (1992, p. 30) aponta que todos os evangelistas herdaram tradições, algumas das quais só pertenciam a eles, sendo que cada um deles escreveu a partir de perspectivas sociológicas e teológicas particulares.

¹⁷⁸ O paradigma literário é o pressuposto que a única forma que possibilita a preservação e a transmissão de informações importantes é a escrita, no estudo dos evangelhos. A partir da discussão do problema sinótico, estabeleceu-se a hipótese documentária que defende a realização do processo redacional dos evangelhos sinóticos se deu a partir de fontes documentais comuns denominadas: O evangelho de Marcos, de Q (*Quelle* – fonte em alemão), M (uma espécie de proto Mateus) e L (uma espécie de proto Lucas).

Por fim, Dunn (2013, p. 92) assevera que os aspectos característicos que permeavam a tradição de Jesus permitem o estabelecimento de uma ideia clara do impacto que ele produziu nas primeiras comunidades, o que, após um processo redacional, culminou com os relatos dos evangelistas. Ou seja, os evangelhos apontam para a tradição vigente nos primórdios do cristianismo.

Acrescentamos ainda que, tendo em vista que as primeiras comunidades cristãs eram grupos judaicos, há autores que advogam que os evangelhos além de refletirem a tradição a respeito de Jesus, seriam obras literárias produzidas no âmbito do judaísmo, ainda que por grupos que reconheciam Jesus como o messias de Israel. Nessa esteira de compreensão Leo Baeck afirma:

A tradição do evangelho é acima de tudo, em todos [os aspectos] simplesmente parte da tradição judaica da época [...]. Trata-se de um livro judeu [...], porque é um espírito judaico, e nem um outro, que o habita; porque a fé judaica e a esperança judaica, o sofrimento judaico e aflição judaica, o conhecimento judaico e as expectativas judaicas, e são somente esses elementos que ressoam pelo evangelho (*apud* SHERWIN, 2003 p. 56).

Muito embora reconheçamos que o judaísmo do Segundo Templo era o pano de fundo de Jesus e de seus primeiros discípulos, não enxergamos que era objetivo de todos os evangelistas escreverem seus relatos da vida de Jesus estritamente para comunidades judaicas messiânicas, já que o cristianismo, no período redacional dos evangelhos, havia-se expandido para o mundo gentílico.

Podemos concluir então que, diferentemente das demais abordagens a respeito do Jesus histórico, a “Terceira Busca” enxerga os evangelhos como uma fonte capaz de contribuir para a compreensão do Jesus histórico. Contudo, não significa que sejam utilizados de forma exclusivamente dogmática, mas analisados à luz do pano de fundo judaico de Jesus, bem como analisados a partir do método histórico-crítico.

Conclusões

Acreditamos que as pesquisas anteriores à década de 1980 sobre o Jesus histórico, partem, de certa forma, de premissas limitadas e limitadoras, no sentido de que se lastreiam em um sentimento de desconfiança, eivado de preconceitos a respeito das fontes disponíveis acerca do grande mestre do cristianismo, dentre as quais, podemos destacar os evangelhos.

Nos movimentos forjados a partir do espírito Iluminista (“Velha Busca”, “Não Busca”, “Nova Busca” e o “Seminário de Jesus”), submete-se ao escrutínio racionalista positivista a construção dos evangelhos, excluindo de forma apriorística todos os elementos que fugiam à compreensão racional, a exemplo dos milagres. O pretense “Jesus” histórico que emergia da abordagem, era uma mera desconstrução das narrativas produzidas pelos evangelistas. Nesse aspecto, a descrença lastreada no componente racional era tão dogmática quanto a fé da cristandade. Concordamos com A. Schweitzer ao descrever a história da primeira pesquisa:

A investigação histórica sobre a vida de Jesus não partiu do puro interesse histórico, mas procurou o Jesus da história com aquele que podia ajudá-la na luta da libertação do dogma. Em seguida libertada do *pathós*, buscou o Jesus histórico como era compreensível em seu tempo (*apud* SEGALLA, 2013, p. 72).

Corroboramos com a afirmação de James Dunn (2013, p. 69-70) quando ele compara a “Terceira Busca” pelo Jesus histórico com as demais abordagens, alegando que as que se referem ao segundo caso cometeram equívocos em suas pesquisas, ao deixar de lado questões elementares que foram corrigidas pela primeira opção.

O primeiro equívoco foi compreender a fé como um obstáculo à pesquisa histórica (DUNN, 2013 p. 69). Ou seja, como algo que deveria ser alijado do processo de compreensão a respeito do Jesus histórico, já que, segundo a concepção das buscas racionalistas, a crença das comunidades primitivas concernentes à figura messiânica macularia de tal forma o personagem histórico do grande mestre do cristianismo, que ilidiria qualquer possibilidade de distinção entre a história e mito.

Portanto, os estudiosos das buscas racionalistas positivistas¹⁷⁹, esqueceram, em seus projetos epistemológicos, que a fé faz parte também da construção histórica do personagem Jesus. Ela reflete o impacto que os discursos do mestre galileu produziram na consciência das primeiras comunidades. Pontuamos ainda que, a mobilidade da Igreja do contexto judaico para o mundo helênico, redundou em um processo histórico de desenvolvimento das concepções teológicas, que incluíam entre elas, a cristologia, consolidando no seio de cada grupo as diversas

¹⁷⁹ Estamos chamando aqui de buscas racionalistas positivistas os seguintes movimentos de pesquisas a respeito do Jesus histórico: a “Velha Busca”, a “Não Busca”, a “Nova Busca”, e até mesmo, não obstante de se situar na década de 1980, o Seminário sobre Jesus.

camadas de compreensão a respeito da pessoa Jesus¹⁸⁰. Contudo, para que vislumbremos a figura história de Jesus, não podemos descartar a compreensão da fé dos primeiros discípulos.

O segundo equívoco cometido pelas abordagens racionalistas foi a de focar o método na premissa que toda a transmissão da tradição de Jesus se estabeleceu em termos literários, como uma compilação e redação das fontes escritas anteriores, deixando de lado a contribuição da compreensão do estágio da oralidade, como bem asseverou Dunn:

A maioria dos estudiosos mostra-se disposta a admitir que a tradição mais antiga de Jesus e o período mais antigo da transmissão dessa tradição devem ter sido de natureza oral. Todavia, o fracasso nesse aspecto foi quase total no momento de avaliar que essa transmissão não podia parecer-se com o processo literário. A consequência nefasta foi a incapacidade de se levar a sério o desafio de investigar como essa tradição operava no período oral e de se perguntar se a natureza oral da primitiva tradição poderia ajudar-nos a compreender melhor a forma duradora e atual da tradição de Jesus (2013, p. 69-70).

Assim, podemos depreender, do que acabamos de consignar, que o estudo do desenvolvimento da tradição a respeito da pessoa de Jesus, é fundamental para a compreensão da sua figura histórica. Já que o movimento dessa tradição dentro do seu contexto culminou no processo redacional desenvolvido em cada comunidade, dando voz aos evangelistas.

Ressaltamos ainda que o terceiro equívoco cometido pelas buscas anteriores, foi a de buscar um Jesus peculiar (DUNN, 2013, p. 70); entendamos peculiar, no sentido de ser diferente do seu contexto judaico. O que significou, portanto, no desprezo pela relação entre o grande mestre do cristianismo e o seu entorno, silenciando inclusive o diálogo com a religiosidade que lhe era contemporânea. Contudo, desprezar a inter-relação histórica e social de Jesus com o seu contexto é ilidir a compreensão que os seus discursos possuíam um sentido hermenêutico particular para o seu tempo, e, portanto, devem ser interpretados, para uma melhor

¹⁸⁰ Para ilustrar é importante refletir um pouco sobre a compreensão da figura messiânica de Jesus um pouco depois do evento pascal, a partir de um exemplo em Atos capítulo 1:6-7 “Então, os que estavam reunidos lhe perguntaram: Senhor será este o tempo em que restaures o reino a Israel? Respondeu-lhes: “Não vos compete conhecer tempos ou épocas que o Pai reservou pela sua exclusiva autoridade”. Vejamos que, ainda nesse estágio de compreensão, os integrantes da comunidade de fé vislumbravam meramente Jesus como um messias que libertaria o povo de judeu do jugo romano A figura da divindade humanizada e que estabeleceria um reino transcendental é uma camada de compreensão posterior, Logo, as expressões da fé revelam as ressignificações que foram implementadas pós-Páscoa no transcurso do desenvolvimento histórico do Cristianismo, e não necessariamente os relatos históricos sobre o messias cristão, ainda que não descartemos tal possibilidade.

compreensão histórica, logicamente a partir de determinadas chaves hermenêuticas fornecidas pelo judaísmo do século I.

Por outro lado, esclarecemos que a “Terceira Busca” diferentemente das demais abordagens, tem como um dos principais paradigmas para sua pesquisa, o Jesus característico (DUNN, 2013, p. 82-93); que nada mais é que enxergá-lo como um Judeu do século I. Ou seja, como um mestre religioso que foi influenciado pelo pano de fundo judaico, e, também, dialogou com os preceitos religiosos vigentes. Contudo, não obstante a referida aproximação como o judaísmo, compreendemos que Jesus tenha estabelecido ressignificações teológicas e de práxis religiosa, mesmo assim, apropriou-se do patrimônio ideológico religioso vigente no seio do judaísmo do segundo Templo para forjar os seus ensinamentos.

Acreditamos, portanto, que a superposição da mensagem do Evangelho com o pano de fundo judaico, conforme proposto pela “Terceira Busca”, é imprescindível para a definição da similitude entre o pensamento de Jesus com o senso comum vigente entre os Judeus em seus dias, permitindo assim o estabelecimento de uma excelente compreensão da figura histórica do Messias.

Concluimos então, que a “Terceira Busca” representou um avanço metodológico concernente à compreensão da figura histórica de Jesus de Nazaré, estabelecendo uma articulação multidisciplinar que se coaduna com a teologia, bem como, com as Ciências das Religiões.

Referências

ASLAN, Reza. *Zelota: A vida e a época de Jesus de Nazaré*. São Paulo: Editora Schwarcz - Companhia das Letras, 2013.

BARBAGLIO, Giuseppe. *Jesus, hebreu da Galileia: Pesquisa histórica*. São Paulo: Paulinas, 2011.

BLOMBERG, Craig L. *Jesus e os evangelhos: uma Introdução ao estudo dos 4 evangelhos*. São Paulo: Vida Nova, 2009.

CARNEIRO, Marcelo da Silva. Análise de historicidade aplicada ao texto de Mateus 5.17-20: Uma discussão sobre Jesus e a Tora. In. *Revista Caminhando*. São Paulo, vol. 13, n o2, p . 41 - 59 , j a n - m a i 08. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CA>>. Acesso em: 14 dez. 2015.

CHARLESWORTH, James H. *Jesus dentro do judaísmo: novas revelações a partir de estimulantes descobertas arqueológicas*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

CORNELLI, Gabriele. Metodologia e resultados atuais da busca pelo Jesus histórico. In: CHEVITARESE, André Leonarndo (Org.); CORNELLI, Gabriele; SELVAITICI, Mônica (Org.). *Jesus de Nazaré: uma outra história*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2006.

CROSSAN, J. D. *Jesus: Uma Biografia Revolucionária*. Rio de Janeiro: Imago, 1995

DUNN, James D. G. *Jesus em nova perspectiva: o que os estudos sobre o Jesus histórico deixaram para trás*. São Paulo: Paulus, 2013.

FALBEL, Nachman. Preâmbulo à edição brasileira. In: BORNKAMM, Günther. *Jesus de Nazaré*. 15. ed. São Paulo: Editora Teológica, 2005.

HESCHEL, Susannah. *Abraham Geiger and the Jewish Jesus*. Chicago: The University of Chicago Press, 1998.

SEGALLA, Giusepe. *A pesquisa do Jesus histórico*. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

FLUSSER, David. *O Judaísmo e as origens do cristianismo*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2002.

FLUSSER, David. *Jesus*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2010.

LEE, Dorothy A. *O Evangelho segundo Mateus e o judaísmo*. 2005. Disponível em: <<http://www.jcrelations.net/O+Evangelho+de+Mateus+e+o+Juda%EDsmo.2927.0.html?L=4>>. Acesso em: 14 dez. 2013.

SHERWIN, Byron L. Quem você diz que sou: Uma nova concepção judaica a respeito de Jesus. In: BRUTEAU, Beatrice (org.). *Jesus segundo o judaísmo: rabinos e estudiosos dialogam em nova perspectiva a respeito do antigo irmão*. São Paulo: Paulus, 2003.

STEGEMANN, Wolfgang. *Jesus e seu tempo*. São Leopoldo: Sinodal, EST, 2012

THEISSEM, Gerd; MERZ, Annette. *O Jesus histórico: um manual*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

VERMES, Geza. *Jesus e o mundo do judaísmo*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

WRIGHT, N. T. *A ressurreição do filho de Deus*. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2013.